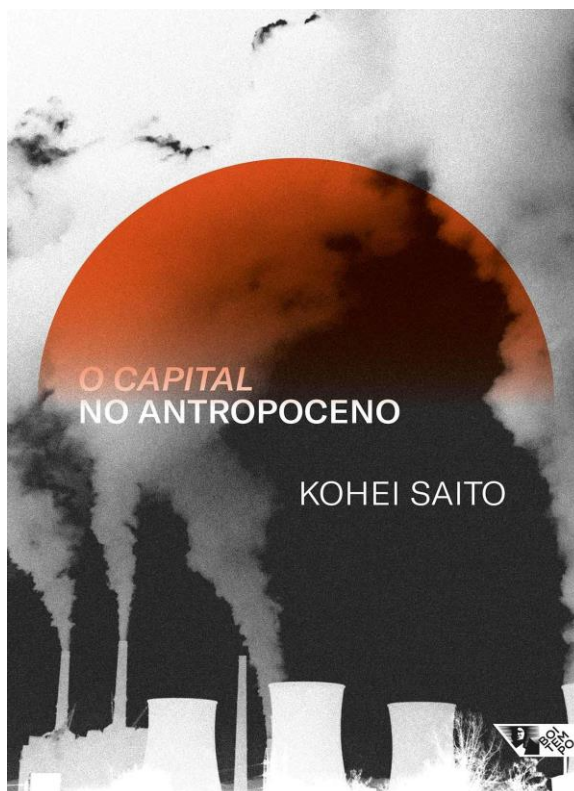


O CAPITAL NO ANTROPOCENO [KOHEI SAITO]¹

Thiago Marques Ribeiro²



Kohei Saito vem se tornando conhecido do público brasileiro há alguns anos a partir da tradução e publicação de suas obras por aqui e, assim, o impacto salutar de sua obra, já perceptível entre estudiosos e ativistas do assim chamado Norte Global, pode ser sentido também em nosso canto do Sul da América. Entre essas influências virtuosas promovidas por Saito, podemos destacar três: (i) a firme sustentação da incompatibilidade entre capitalismo e reversão do colapso ecológico; (ii) a impossibilidade do marxismo seguir relevante em sua crítica ao capitalismo e na

¹ Resenha Recebida em 15/03/2026. Aprovado pelas editoras em 10/04/2026. Publicado em 22/06/2026. DOI: <https://doi.org/10.22409/tn.v24i53.71426>

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Prof. do Instituto Federal Fluminense (IFF). Email: th.marquesribeiro@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8275249501569823>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-7387-1559>.

atuação para sua superação sem radicalmente incorporar a crítica ecológica à crítica da economia política; (iii) a minuciosa pesquisa realizada em escritos de Marx não publicados ainda por aqui e/ou difíceis de serem acessados (especialmente a partir dos trabalhos da MEGA²) de valiosas passagens para a realização de uma crítica ecológica da economia capitalista – contribuição esta objeto principal de sua obra anteriormente publicada no Brasil, *O ecossocialismo de Karl Marx* (São Paulo: Boitempo, 2021).

Em sua obra publicada mais recentemente sobre a qual traçamos as considerações que seguem – *O capital no Antropoceno* –, de forma geral, seus objetivos consistem em realizar de uma perspectiva marxista um diagnóstico do atual problema ecológico, sua urgência e indissociabilidade com a dinâmica de acumulação capitalista endereçado ao público amplo. Além disso, Saito busca apresentar alguns elementos que podem contribuir para elaboração de um programa de superação do capitalismo e, por consequência, seus efeitos deletérios sobre a ecologia possível para a vida humana (de seu ponto de vista, o *comunismo do decrescimento*) – assim como algumas das experiências em curso no mundo no enfrentamento do colapso ecológico, destacando o quanto os países centrais podem e devem aprender com o assim chamado Sul Global neste combate. Neste sentido, procuraremos destacar alguns pontos que entendemos que podem contribuir para uma leitura crítica da obra de Saito a partir da perspectiva brasileira e do Sul da América vis-à-vis ao que nos parece ser o público ao qual a obra foi originalmente endereçada (cidadãos dos países centrais interessados na superação da trágica situação ecológica e do capitalismo).

Um dos primeiros pontos da obra de Saito de grande interesse para o público brasileiro e do Sul Global de forma mais ampla é a explicitação das externalizações/transferências das contradições do capital – que podem ser tecnológicas, temporais e, especialmente, espaciais (p. 33 e ss.), sendo esta a base do *imperialismo ecológico*: tomando o exemplo da exploração do guano peruano no séc. XIX e seus efeitos destrutivos sobre a ecologia da região, sobre os povos originários e os para lá levados para terem seu trabalho explorado nesta atividade extrativista (no caso, os *coolies* chineses), o autor enfatiza que esta tendência à expropriação e consequente degradação da ecologia da periferia do sistema, transferindo para o Sul Global os aspectos mais deletérios da dinâmica capitalista, longe de ser algo passível de superação através do desenvolvimento tecnológico, é algo permanente e inescapável na dinâmica capitalista de acumulação em nível

planetário. Assim, a desigualdade inerente ao sistema capitalista também se expressa na distribuição dos riscos e da deterioração do meio ambiente, com as regiões periféricas do globo arcando sobremaneira com esse ônus. Apesar desta dinâmica inerente, Saito alerta que esta margem de externalização vem se reduzindo nos últimos tempos com o rápido crescimento econômico de países como China e Brasil, abrindo a tendência de que contradições antes externalizadas para as periferias passem a se verificar crescentemente também nos países centrais (p. 39). Além do próprio recrudescimento dos desastres climáticos nos países centrais, as ondas migratórias originadas pelos impactos ecológicos da dinâmica capitalista nas periferias é um dos grandes combustíveis do que Saito chama de *fascismo climático* – cenário que aborda no Capítulo 3 do livro.

Um dos pontos mais interessantes – e também dos mais delicados – da obra é a natureza das contribuições de Marx para a crítica ecológica do capitalismo e para a construção de um *comunismo do decrescimento*. Se nos parece inegável a imensa contribuição de Marx para a investigação dos efeitos deletérios sobre a natureza inerentes ao capitalismo (especialmente a partir do conceito de *ruptura metabólica*), talvez a afirmação de Saito de que a crítica da economia política planejada por Marx só estaria completa com a incorporação da dimensão ecológica (sendo essa, inclusive, a razão dos atrasos e, por fim do inacabamento de *O capital*)³ deva ser sujeito a um exame mais cauteloso. *A fortiori*, cabe cuidado a apreciação das afirmações de Saito de que Marx em seus últimos escritos (especialmente em *Carta a Vera Zassúlitich* e *Crítica ao Programa de Gotha*) teria convertido-se ao *comunismo do decrescimento*. Segundo Saito, após seus estudos sobre ciências naturais e antropologia de sua época sobre modos de vida comunitários e tradicionais, Marx teria se inspirado em sociedades de economia estacionária para sua elaboração para um comunismo pós-crescimento, um comunismo do decrescimento. Inclusive, o esquecimento deste comunismo do decrescimento de Marx teria levado à “atual estagnação do marxismo e ao agravamento da crise ambiental” (p. 127-128) – e não deixa de ser peculiar aqui o uso pejorativo da palavra “estagnação” para se referir aos efeitos do esquecimento do “comunismo do decrescimento” e sua economia “estacionária”.⁴ Independente do juízo do leitor sobre tais afirmações de Saito, nos

³ Esta investigação é realizada de forma mais detalhada na outra obra de Saito mencionada anteriormente, *O ecossocialismo de Karl Marx*.

⁴ Nesta mesma linha, existem na obra afirmações de como a pretensa incompreensão de Marx

parece que a avaliação da maior ou da menor pertinência da crítica ecológica da economia política e do comunismo do decrescimento não dependa do fato do próprio Marx as ter elaborado de sua própria pena; do contrário, além dos riscos de cometimento de uma “superinterpretação”, i. e., concluir além do possível a partir da faticidade dos próprios textos marxianos, precisar da autoridade de Marx ou de qualquer outro autor para sustentar interpretações e propostas poderia perigosamente deslizar para uma escolástica. Em suma: para uma ideia e uma proposta serem corretas e justas não é necessário que tais sejam as posições de Marx ou de qualquer outro intelectual e militante – mesmo que sejam inspiradas em suas obras, sendo esta, inclusive, uma importante exigência do método crítico de construção do conhecimento.

De toda maneira, ao nosso ver uma das maiores contribuições do livro de Saito está justamente nesta sua recuperação dos estudos antropológicos de Marx e das passagens da *Crítica ao Programa de Gotha* em que se trata da “riqueza cooperativa”, da “riqueza coletiva”, da “abundância radical” – e de como esta abundância está dissociada do crescimento econômico capitalista. De forma certa, Saito aponta como a assim chamada “acumulação primitiva” (que também certamente é apontada como uma constante no capitalismo) desmantela a abundância comum para criar a escassez capitalista (p. 146 e ss.; p. 154). Ressaltamos este aspecto da obra pois, apesar de Saito e outros ecossocialistas destacar o termo “decrescimento” como cerne do programa de superação do capitalismo ecocida, do ponto de vista de um trabalho de *agitprop*, de formação de “corações e mentes” para superação do colapso ecológico e do capitalismo, pôr em relevo algo como um “comunismo da abundância

distorceu suas ideias, criou o stalinismo e forçou a humanidade na grave crise ambiental (p. 99) – quase uma espécie de inversão das relações de determinação entre consciência e ser, sendo as ideias (erradas, em seu entender) sobre a crítica da economia política as determinantes do movimento histórico dos seres sociais em direção ao colapso ecológico (ou então, da inadequação de suas respostas): sem minimizar os desastres ecológicos ocorridos na URSS, seria interessante mencionar, mesmo que brevemente, o rico debate ocorrido ao longo de seus anos de existência, o conhecimento desses ecologistas soviéticos dos textos de Marx pertinentes para uma crítica ecológica do capitalismo (como o conceito de metabolismo), das ações concretas para recuperação ecológica (como os *zapovedniki* soviéticos, i. e., reservas florestais que também eram articuladas a estudos científicos e iniciativas de educação ambiental), das diferentes ondas de movimentos populares ecológicos (alguns, inclusive, resultando nas maiores associações ecológicas do mundo), entre outras experiências. Tal menção seria perfeitamente possível por já existir importante bibliografia sobre o tema, sendo, inclusive, objeto de artigo de uma referência no debate ecológico marxista, John Bellamy Foster. Cf. FOSTER, John Bellamy. Late Soviet Ecology and the Planetary Crisis. *Monthly Review*, v. 67, n. 2, jun. 2015. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/articles/late-soviet-ecology-and-the-planetary-crisis/>>. Acesso em 1 de abril de 2026; CHATTOPADHYAY, Kunal. The Rise and Fall of Environmentalism in the Early Soviet Union. *Climate and Capitalism*, jun., 2014. Disponível em: <<http://climateandcapitalism.com/>>. Acesso em 1 de abril de 2026.

radical” talvez tenha alvissareiros potenciais de conscientização e mobilização de massas para construção de uma sociedade emancipada também do ponto de vista ecológico. Afinal, bem colocam Luiz Marques e Jason Hickel (este último, diretamente citado por Saito) respectivamente: “o decrescimento econômico, bem longe de ser uma opção, é uma tendência inexorável” (2015, p. 502) e “a austeridade procura escassez para gerar crescimento, o decrescimento procura a abundância para tornar o crescimento obsoleto” (2019, p. 54).

Tal recuperação do conceito de abundância realizada por Saito para o enfrentamento da catástrofe ecológica (e da escassez por ela produzida) e a construção de um programa comunista teria muito a se enriquecer, em nosso entendimento, com as descobertas realizadas pela arqueologia amazônica recente – o que estaria, inclusive, em linha com uma das propostas do livro: a de aprender com as experiências do Sul Global; com o avançar das pesquisas vem se robustecendo o entendimento da floresta amazônica enquanto “patrimônio biocultural”, ou seja, enquanto resultado das transformações da natureza realizada por povos originários ancestrais, o que demanda “abandonar o discurso da escassez e adotar outro ponto de vista baseado na abundância”.(Neves, 2022, p. 79).

Aproveitando a menção acima a uma experiência sul-americana, lembramos aqui que a estratégia discursiva de Saito consiste em partir de inquietações e mobilizações de países centrais – no caso, o Autor parte das experiências realizadas em Barcelona (p. 200 e ss.) – para chegar nas experiências do Sul Global que podem apontar uma saída para a catástrofe capitalista; aliás, em seu entendimento tal teria sido também a trajetória de Marx quando se interessou pelos modos de vida de povos tradicionais de fora dos centros capitalistas (como na Índia e na comuna russa) no final de sua vida. Neste sentido, o autor resgata os *Zapatistas* e a *Via Campesina* como casos muito mais radicais de democracia participativa e cogestão sem necessariamente depender do Estado em comparação com os do Norte Global (p. 206 e ss.). Registramos aqui este lembrete pois é possível a impressão ao ler a obra de que seu público alvo original era justamente os “cidadãos” do Norte Global (e que se destaque aqui a escassa referência a “proletariado”, “classe trabalhadora”, entre outros termos mais comumente usados na tradição marxista para referir-se a possíveis “sujeitos revolucionários”); afinal, ao leitor brasileiro pode causar estranheza trechos como: “Quantas pessoas conhecem a Via Campesina, que envolvem mais de 200 milhões de agricultores?, pois cremos ser seguro afirmar que parte expressiva do

público brasileiro com alguma familiaridade com o pensamento crítico e com movimentos sociais tenham conhecimento do trabalho da Via Campesina.

Por fim, Saito conclui seu livro destacando que talvez fosse melhor tratar o atual Antropoceno como *Capitaloceno*, por ser o capital o principal agente de destruição ecológica, e levanta a possibilidade de uma espécie de “bom Antropoceno”: “se as pessoas puderem unir forças e agir solidariamente para proteger o planeta sua única terra natal, da tirania do capital, então poderemos chamar positivamente essa nova era de Antropoceno” (p. 224). Apesar de concordarmos com a possibilidade de algo como uma “antropia desentrópica” (nos permitindo aqui certa vênica poética), talvez a manutenção do termo “Antropoceno” neste caso seja inadequado, pois como nos ensina as experiências antrópicas de formação da Amazônia e de diversos outros povos originários pelo globo, a construção de um metabolismo em “sintropia” humanos/natureza (com mais uma licença aqui) talvez demandasse a própria superação de uma certa excepcionalidade do “antropos” e de sua cisão com a natureza.

Obras com as quais podemos discordar em alguns pontos importantes, mas que nos lançam em reflexões e críticas da mais alta relevância e riqueza são bem mais relevantes que aquelas com as quais podemos concordar de forma substancial, mas que não nos levam grandes novidades no debate e enriquecimento crítico. O livro de Kohei Saito, certamente, se situa em posição de destaque no primeiro grupo.

Referências

CHATTOPADHYAY, K. **The Rise and Fall of Environmentalism in the Early Soviet Union.** Climate and Capitalism, 2014.

FOSTER, J. B. Late Soviet Ecology and the Planetary Crisis. **Monthly Review**, v. 67, n. 2, jun. 2015.

MARQUES, L. **Capitalismo e colapso ambiental.** Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

NEVES, E. G. **Sob os tempos do Equinócio:** oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu; Edusp, 2022.

SAITO, K. **O capital no Antropoceno.** São Paulo: Boitempo, 2014.